



# FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,  
PESQUISA, EXTENSÃO  
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015  
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

REALIZAÇÃO



APOIO



## CAMISINHA: POR QUE NÃO USAR? PERCEPÇÃO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS

*Pâmella Janaína de Araújo Silva, Marianne Silva Soares, Rafaela Siqueira de Oliveira, Maria de Fátima Fernandes Santos Silva, Ana Paula Ferreira Holzmann*

### Introdução

A sexualidade é uma dimensão da vida que reflete em aspectos biológicos, psíquicos, sociais, culturais e históricos. Não se limita somente ao sexo e reprodução, mas constitui parte importante das relações amorosas e do laço afetivo entre as pessoas. Envolve, além do corpo, os sentimentos, a história vivida, costumes e cultura. Logo, é uma dimensão fundamental entre todas as etapas da vida das pessoas, presente desde o início da vida até a morte. Areladas ao exercício inconsequente da sexualidade estão as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), que são patologias transmitidas de um corpo ao outro pelo contato sexual, pelos líquidos vaginais e pelo esperma trocados durante as relações sexuais. Importante ressaltar que não é a atividade sexual em si que torna as pessoas vulneráveis às DST/HIV/Aids, mas sim, as relações sexuais que são realizadas de forma desprotegida, sendo este um pressuposto válido para todas as idades [1].

Estudos apontam que o uso do preservativo na primeira relação sexual é frequente, porém, apresenta descontinuidade e negligência no seu uso, com o passar do tempo. Além disso, o conhecimento correto sobre o uso do preservativo nem sempre é suficiente para uma atitude favorável e uma prática sexual positiva [2]. Nesse contexto, a participação da família, da escola e dos serviços de saúde é de extrema importância na orientação contínua dos jovens em relação ao exercício pleno, saudável e seguro da sexualidade, com enfoque na utilização do preservativo em todas as relações sexuais, visando à prevenção das DST e a gravidez indesejada.

Diante do exposto, esse estudo tem o objetivo de identificar a percepção dos jovens universitários frente ao uso da camisinha.

### Material e métodos

Foi realizado um estudo quantitativo, de corte transversal, também chamado de inquérito epidemiológico, o qual permite visualizar a situação de uma população em determinado momento. Pesquisa de aspecto exploratório, em que interessa descrever e categorizar fenômenos em um grupo de pessoas.

A população de estudo foi composta pelos estudantes ingressantes e concluintes de dois cursos da área da saúde e dois da área de educação da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Esses sujeitos foram escolhidos por pertencerem a um grupo que, teoricamente, deveria possuir conhecimentos sobre o assunto, além de hábitos de vida saudável, estando assim, aptos a expandir informações inerentes à sexualidade humana.

A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre de 2014 e o instrumento utilizado foi um questionário semiestruturado composto de 21 questões, aplicado em sala de aula, com autorização prévia do professor. Foram incluídos na amostra os estudantes que estavam presentes e que aceitaram participar da pesquisa mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Os dados coletados foram digitados e organizados em planilha do programa excel e transferidos para o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) onde foram analisados de forma descritiva.

Este trabalho apresenta resultados parciais de um projeto de iniciação científica, desenvolvido por acadêmicas e professora da Unimontes. Atende às diretrizes e normas determinadas pela resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta a realização de pesquisas envolvendo seres humanos e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unimontes nº 533.637.

### Resultados e Discussão

Participaram da pesquisa 159 acadêmicos, sendo 80 deles da área da educação (50,3%) e 79 da área da saúde (49,7%). 54,6% se encontravam no primeiro período dos cursos e 45,6%, no último período. A maioria dos estudantes era do sexo feminino (86,9%), solteira (81,9%), pertencente à religião católica (66,9%) e encontrava-se nas faixas



# FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,  
PESQUISA, EXTENSÃO  
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015  
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

REALIZAÇÃO



APÓIO



etárias de 17 a 20 anos (30%) e de 21 a 24 anos de idade (33,8%).

Em relação às variáveis comportamentais, verificou-se que 34,8% dos entrevistados não haviam iniciado a sua vida sexual; 32,9% iniciaram com 16 a 18 anos de idade e 8,2%, com 15 anos ou menos. Em relação à opção sexual, no presente estudo, observou-se que 95,6% dos entrevistados se afirmaram heterossexuais; 3,2% homossexuais; 0,6% bissexuais e 0,6% não informaram. Dentre aqueles que já iniciaram atividade sexual, 76,7% informaram parceiro fixo e único nos últimos seis meses; 17,5% não tiveram nenhum parceiro fixo nesse período, enquanto que 4,9% relataram dois parceiros fixos (TAB.1). Com relação aos parceiros eventuais nos últimos seis meses (TAB.2), 66,3% não tiveram nenhum parceiro eventual; 29,7% apenas um parceiro e 04% relataram ter dois ou mais parceiros eventuais, nesse período. Quando se trata do uso da camisinha, apenas 44% dos entrevistados, relataram utilizá-la em todas as relações sexuais. Nesse contexto, observa-se que a maioria dos jovens não utiliza camisinha e não possui parceiro fixo. Estudos mostram que a idade precoce de início da atividade sexual, uso incorreto ou inconsistente de preservativos são fatores que colocam os jovens em maior risco para as DST [3]. Outros fatores agravantes que deixam o indivíduo mais vulnerável a contrair essas doenças são a falta de informação e baixa escolaridade, excesso de autoconfiança em relação à vulnerabilidade, uso de álcool e outras drogas, múltiplos parceiros sexuais, relação sexual com indivíduo do mesmo sexo, parceiros casuais e principalmente, a falta da utilização de preservativo. Além disso, estudos mostram que nas relações entre parceiros fixos, é comum o abandono do preservativo. É frequente entre os homossexuais a efetividade das pactuações sobre uso e não uso de preservativos entre parceiros [4].

Quanto aos principais motivos citados para não usar o preservativo (TAB.3), foram citados a confiança, que a maioria dos estudantes (21,2%) respondeu que confia no parceiro e 15,4% relataram que não gostam do preservativo. As alterações longitudinais no uso do preservativo acontecem em função das modificações no desenvolvimento dos relacionamentos, havendo um decréscimo da utilização no interior dos relacionamentos monogâmicos e estáveis. A família, nesse contexto, tem papel primordial na promoção e manutenção de práticas preventivas, as quais estão vinculadas aos discursos acerca dos gêneros e da sexualidade determinados com os adolescentes antes da iniciação sexual. As ações nas comunidades com ênfase as famílias e as redes de relações afetivo-sexuais, podem revelar-se uma abordagem mais eficaz para diminuir o risco de infecções com as DST/AIDS e gravidez não planejada [5].

Estudos apontam que houve um aumento do uso dos preservativos entre os jovens, inclusive no início da atividade sexual, os principais motivos para a utilização envolve a prevenção de gravidez indesejada e das DST [6]. Essa situação é observada neste estudo, no qual a escolha do preservativo por 49% está relacionada com a prevenção das DST, 63,5% para prevenção de gravidez. Apesar de 95% da população conhecer que o uso do preservativo é a melhor forma de prevenir DST, o seu emprego se encontra longe de atingir níveis satisfatórios, mesmo que os jovens apresentem frequência maiores de uso [7]. Ao enfatizar os dados relacionados ao primeiro e último intercurso sexual, observa-se que enquanto a utilização de preservativo eleva para o gênero masculino (14%), reduz para o gênero feminino (4%), ou seja, no decorrer da vida sexual, os meninos utilizam mais o preservativo, enquanto as meninas diminuem o seu uso. Além disso, ao analisar o uso de preservativo em todas as relações sexuais, identifica-se diferença significativa entre os sexos, em que está o uso maior entre os meninos, enquanto a maioria das meninas refere usar algumas vezes [5].

As justificativas utilizadas para o não uso do preservativo são diversas. Entre elas que o preservativo reduz o prazer, confiança na fidelidade do parceiro, atitude impulsiva durante a relação sexual, preocupação com a anticoncepção, até o fato de não ter o preservativo no momento. O aspecto da confiança no parceiro está associada ao vínculo e grau emocional que existe no relacionamento e durante o ato sexual, podendo intervir na negociação do preservativo entre o casal [7]. Estudos comprovam que 33,3% das pessoas que tinham apenas um dia que conheciam o parceiro não fizeram o uso do preservativo e 53,3% das pessoas com um mês que estavam relacionando com o parceiro também não utilizaram. A alta frequência do não emprego do preservativo com parceiros conhecidos há menos de um mês aumenta a vulnerabilidade ao contágio por HIV e outras DST. O fator que mais contribui para a não utilização do preservativo foi ter parceiro fixo, devido a confiança estabelecida no parceiro estável. Em sociedades que existem iniquidades de condições de gênero, onde a mulher possui papel de submissão ao homem o uso do preservativo torna-se menos frequente. Além disso, a baixa autoestima da mulher, a inexistência de autonomia e dependência econômica impede a negociação da utilização do preservativo com o parceiro [8]. Ao analisar os dados da tab.2 e 3 verifica-se que na existência de parceiros fixos ou eventuais o uso do preservativo se encontra bem estabelecido. Identifica-se na tab. 1 que 76,7% dos acadêmicos que possuíam parceiros ou parceiras únicas nos últimos 6 meses utilizaram camisinha e na tab.2, 66,3% que não possuíam parceiros eventuais nos últimos seis meses também escolheram o método.

## Considerações finais

A análise dos resultados possibilitou constatar que o preservativo tem sido um método adotado pelos estudantes durante a relação sexual, mas em porcentagem baixa. Menos de 50% da população estudada usa o preservativo de



forma regular. Ao considerar que a maior parte da população estudada é solteira, torna-se ainda mais preocupante a vulnerabilidade desta população à infecção por DST. Crenças e atitudes que esses jovens possuem diante do preservativo interferem no seu uso, contribuindo para o aumento da vulnerabilidade dos mesmos em frente uma relação sexual desprotegida. Portanto o empoderamento destes jovens a partir de intervenções eficazes como a educação continuada, se faz extremamente necessário, a fim de transformar as práticas e condutas frente as DST, principalmente quanto à prevenção destas, de forma geral e autoproteção, quanto ao uso do preservativo.

## Referências

- [1] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 1. ed., 1. reimpr. – Brasília : Ministério da Saúde, 2013. 300 p.
- [2] ARAÚJO, Telma Maria Evangelista de; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza; MESQUITA, Gerado Vasconcelos; ALVES, Eucário Leite Monteiro; CARVALHO, Khelyane Mesquita de; MONTEIRO, Rebeca Mendes. Fatores de risco para infecção por HIV em adolescentes. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v.20, n.2, p.242-7, abr/jun. 2012.
- [3] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Recomendações para a Atenção Integral a Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/AIDS**. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Brasília: Ministério da Saúde, 2013a. 116 p.
- [4] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. HIV/Aids, hepatites e outras DST / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2006.196 p.
- [5] RIBEIRO, Karla Carolina S.; SILVA, Josevânia da; SALDANHA, Ana Alayde W. Querer é Poder? A Ausência do Uso de Preservativo nos Relatos de Mulheres Jovens. **DST - J Bras Doenças Sex Transm**. v.23, n.2, p. 84-89 - ISSN: 0103-4065 - ISSN on-line: 2177-8264. 2011.
- [6] COSTA, Larissa Aparecida; GOLDENBERG, Paulete. Papilomavírus humano (HPV) entre jovens: um sinal de alerta. **Saude soc.**, São Paulo , v. 22, n. 1, p. 249-261, Mar. 2013 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902013000100022&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902013000100022&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 18 Julho de 2015.
- [7] GUEDES, Helisamara Mota et al . Comportamentos de risco frente ao vírus da imunodeficiência humana entre frequentadores de motéis. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 20, n. 3, p. 536-542, Junho 2012 Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692012000300015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692012000300015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 18 Julho de 2015.
- [8] CHAVES, Ana Clara Patriota et al . Conhecimentos e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 67, n. 1, p. 48-53, Fev. 2014 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672014000100048&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672014000100048&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 18 Julho de 2015..

**Tabela1.** Número de parceiros fixos nos últimos 06 meses dos acadêmicos da Área da Saúde e Educação.

Motivo de escolha do método	Frequência	Porcentagem
Nenhum	18	17,5
Parceiro (a) único	79	76,7
2 parceiros (as)	5	4,9
Não informado	2	1,9
<b>Total</b>	<b>104</b>	<b>100</b>

**Tabela2.** Número de parceiros eventuais nos últimos 06 meses dos acadêmicos da Área da Saúde e Educação.

Motivo de escolha do método	Frequência	Porcentagem
Nenhum	67	66,3
Parceiro (a) único	30	29,7
2 parceiros (as)	2	2,0
3 ou mais parceiros	2	2,0
<b>Total</b>	<b>102</b>	<b>100</b>

**Tabela3.** Motivo de não usar o preservativo segundo acadêmicos da Área da Saúde e Educação em porcentagem.

Motivo de escolha do método	Sim	Não	Não infor.
Não gosta	15,4	79,8	4,8
Tempo/tesão	8,7	86,5	4,8
Confiança	21,2	74,0	4,8
Parceiro não aceita	6,7	88,5	4,8
Engravidar	6,7	88,5	4,8
Efeito de drogas	3,8	91,3	4,8
Acha que não pega DST	1,9	93,3	4,8